



PROPRIEDADE DA **UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES**

www.URAP.PT

geral@urap.pt

UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 151

JAN./MAR. 2017 TRIMENSÁRIO - € 0,20

EDITORIAL

DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

«Acima do Nevsky, no amargo crepúsculo, as multidões degladiavam-se pelos últimos documentos... Em cada esquina, em cada lugar, aglomeravam-se pequenos grupos; soldados e estudantes discutiam... O Soviete de Petrogrado estava em reunião permanente no Smolny... Delegados dormiam no chão e logo se levantavam para continuar a discussão.»

John Reed, o jornalista americano, escreveu estas palavras quando descreveu os primeiros dias da Revolução de Outubro, no seu extraordinário livro *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, que Lénine, ao acabar de ler, afirmou que gostaria de o ver publicado em milhões de exemplares e traduzido em todas as línguas. E tem sido de facto muito lido, publicado em milhões de exemplares e traduzido em muitas línguas, se não em todas.

Até princípios do século XX, o povo russo vivia em extrema miséria. De economia atrasada e dependente quase exclusivamente da agricultura, os camponeses ainda tinham de pagar altos impostos e, nas cidades, os operários eram terrivelmente explorados. O descontentamento crescia e as manifestações e greves alastravam por toda a Rússia conduzindo à Revolução de 1905. Lembramos aqui o dia 22 de Janeiro de 1905, o sinistro «Domingo Sangrento», em que o czar Nicolau II manda o exército fuzilar milhares de manifestantes desarmados frente ao Palácio de Inverno. O grande realizador soviético Eisenstein, ao retratar no seu filme *O Coração de Potemkin* o terrível massacre de operários, marinheiros, mulheres e crianças fará com que este acontecimento perdure, através dos tempos.

A falta de alimentos, agravada pela guerra e os seus custos, fez aumentar ainda mais a revolta das massas populares e a luta espalhava-se pelas cidades e pelos campos. Em Fevereiro de 1917, cai a monarquia e Kerensky forma o governo provisório.

O governo de Kerensky pouco muda e o povo quer mais. Quer paz, quer liberdade, quer pão, quer terra. O Congresso dos Sovietes, dirigido por Lénine, cumpriu esse desejo através dos decretos que proclamaram a paz imediata, a abolição da propriedade privada da terra e a criação de um governo operário e camponês. A contra-revolução não se fez esperar, mas foi esmagada. Reed viu operários saindo em massa dos miseráveis bairros operários, homens, mulheres, crianças com espingardas, picaretas e tudo o que conseguiam para defender a Revolução. Ao povo juntaram-se soldados e marinheiros do célebre Aurora com os seus canhões assestados sobre o Palácio de Inverno. Em dez dias o Poder Soviético triunfou em todo o país.

A Revolução de Outubro teve reflexos em todo o Mundo. O exemplo do proletariado russo deu força à luta dos operários e camponeses pelas suas reivindicações e ao reforço da sua organização. Em vários países nascem partidos e organizações de trabalhadores – em Portugal, em 6 de Março de 1921, é fundado o Partido Comunista Português.

Na sequência da revolução, criaram-se também grandes movimentos que levaram ao socialismo. O colonialismo foi banido em muitos países de África, Ásia e América Latina.

Nos cem anos da Revolução de Outubro, não podemos deixar de lembrar o papel do Exército Vermelho e do povo da União Soviética na derrota do nazi-fascismo, acontecimento que a URAP festejou em 2015, percorrendo todo o País com a Tocha da FIR – Federação Internacional de Resistentes, com iniciativas, de que muito nos orgulhamos, em conjunto com escolas, autarquias e colectividades.

Passaram cem anos, o mundo mudou, mas enfrentamos hoje muitos dos problemas pelos quais o povo russo passou. John Reed também nos fala de esperança e de fraternidade e essas palavras de força, que perpassam por todo o livro, tornam *Dez Dias que Abalaram o Mundo* uma obra actual que, como Lénine dizia no prefácio, devia ser lida pelos operários de todo o mundo.

Marília Villaverde Cabral

DEFENDER A MEMÓRIA EM PENICHE

- pág. 5

A retirada do Forte de Peniche da lista dos monumentos e concessionar foi uma primeira vitória de uma luta que continua em defesa da memória.

MUSEU DA RESISTÊNCIA NO PORTO - pág. 4

GUERRA CIVIL DE ESPANHA EVOCADA - pág. 4

REVELADA PRISÃO DA PIDE EM SETÚBAL

O núcleo da URAP de Setúbal inaugurou em Dezembro na placa central do Mercado do Livramento uma exposição de dois cartazes com fotografias dos antigos calabouços da prisão da PIDE em Setúbal com textos relativos a dois antigos presos políticos. Os textos, da autoria de Vítor Zacarias (antigo prisioneiro) e da filha de Germano Madeira (antigo prisioneiro), Olga, relatam as sevícias que passaram naquelas instalações do Bairro Salgado, que a PIDE usava como ponto de trânsito para a sede da PIDE, em Lisboa, na Rua António Maria Cardoso, ou para a Cadeia do Aljube. A prisão funcionou desde a década de 60 e ali foram interrogados, agredidos e torturados muitos resistentes.



TEATRO DE LIBERDADE

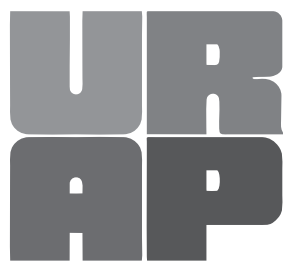
O núcleo da URAP de Santa Iria de Azóia organizou em 29 de Janeiro uma ida ao teatro Joaquim Benite, em Almada, para assistir à peça «Noite da Liberdade», do austro-húngaro Ödön Von Horváth. Integrada nos passeios culturais que o núcleo realiza, 53 sócios e amigos da URAP foram confrontados com um texto que, apesar de ter sido escrito no início dos anos 30, tem uma flagrante actualidade, face ao crescimento dos partidos de extrema-direita na Europa e ao estímulos da participação política dos cidadãos. A peça retrata a ascensão do nazi-fascismo e a incapacidade das forças democráticas se unirem para a impedir.



OS ANOS DOURADOS DO COLONIALISMO

«Pretendo por este meio prestar homenagem aos mortos, aos torturados e a todos os seres humanos sujeitos a inaceitáveis sofrimentos, infligidos aos angolanos, moçambicanos, portugueses, cabo-verdianos, são-tomenses, timorenses e, em menor número, aos naturais de outros países também vítimas do colonialismo e da onda das guerras de independência», lê-se na contracapa do livro *Os Anos Dourados do Colonialismo – A Insurreição*, da autoria de Mário Moutinho de Pádua, apresentado em Lisboa no dia 18 de Dezembro, numa iniciativa da URAP em parceria com o Museu do Aljube.

Com o auditório do Museu do Aljube cheio, coube a Domingos Lobo, escritor, encenador e crítico literário, apresentar a obra. Muito embora esteja escrito na primeira pessoa, o livro não pretende ser uma autobiografia, assume o autor, que prefere olhar para a sua obra como um documento de época.



URAP

Propriedade e edição
da **União de Resistentes
Antifascistas Portugueses**
Membro da Federação Internacional
de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

Comunistas, socialistas, anarquistas, republicanos, homens de distintas cores, de ideologias diferentes, de religiões antagónicas, mas que amam profundamente a liberdade e a justiça, vieram oferecer-se à nossa causa, incondicionalmente. Deram-nos: a sua juventude, maturidade ou experiência; o seu sangue e a sua vida, as suas esperanças e aspirações... E nada nos pediram. Ou melhor, sim: queriam um lugar na luta, desejavam a honra de morrer por nós. Bandeiras de Espanha! Saudai tantos heróis e inclinai-vos ante tantos mártires!

In «Mensagem de despedida aos voluntários das Brigadas Internacionais», Dolores Ibarruri, a *Passionária*, 1 de Novembro de 1938

80 ANOS DA GUERRA CIVIL DE ESPANHA MOMENTO DE OPÇÕES DECISIVAS

A URAP evocou, sábado, dia 10 de Dezembro, os 80 anos sobre o início da Guerra Civil de Espanha – que durou de 18 de Julho de 1936 a 1 de Abril de 1939 – numa sessão realizada em Lisboa. Com o anfiteatro do Museu da República e Resistência cheio, coube à coordenadora da URAP, Marília Villaverde Cabral, abrir a sessão, recordando a sublevação de sectores militares, políticos e sociais contra o governo da Frente Popular, que acabaria por pôr fim à Segunda República Espanhola, com a instauração do regime fascista do general Francisco Franco.



A intervenção principal esteve a cargo de Domingos Abrantes, dirigente do PCP e actual Conselheiro de Estado, que enquadrou a Guerra de Espanha no período histórico que se vivia. Em Espanha, durante mais de três anos, travaram-se batalhas em todas as regiões entre forças nacionalistas e militares alemães e italianos, por um lado, e republicanos de vários matizes e voluntários das Brigadas Internacionais, por outro.

A queda de Madrid a 1 de Abril de 1939, após três anos de tenaz resistência, marca a vitória dos franquistas, para a qual foram decisivos quer a intervenção externa das forças nazi-fascistas quer a «neutralidade» dos governos francês e inglês (que na prática ajudou os nacionalistas). Cerca de 500 mil espanhóis e 10 mil voluntários brigadistas perderam a vida no conflito.

Na sessão foram declamados poemas por Débora Maria Santos: de Carlos Drummond de Andrade ouviu-se *Notícias de Espanha* e de Miguel Torga *Não Passarão*, enquanto Samuel, acompanhado por Nuno Tavares, entoaram canções da resistência.

Uma nova evocação do início da Guerra Civil de Espanha (1936/39) decorreu no dia 7 de Janeiro no Fórum Romeu Correia, em Almada, numa iniciativa do núcleo da URAP local, na qual participou o membro da direcção da URAP José Pedro Soares. Presidida por Mário Araújo, a sessão iniciou-se com uma alocução da professora universitária Carina Infante do Carmo.



NO PORTO, O PROJECTO “ DO HEROÍSMO A FIRMEZA” AVANÇA!

Mais de 80 pessoas participaram na visita guiada promovida pelo núcleo do Porto da URAP, que teve como objectivo apresentar a conclusão da primeira fase da implementação do Projecto «Do Heroísmo à Firmeza», que visa a instalação da unidade de informação e interpretação que, no edifício onde funcionou a sede da Pide no Porto e hoje se encontra o Museu Militar, assegura a preservação da memória da resistência e luta antifascistas. Desta primeira fase consta a requalificação dos espaços que foram prisão e percurso dos presos, alguns dos quais participaram na visita.

A iniciativa contou com depoimentos de antigos presos, como a médica Manuela Praça, que se referiu à luta juvenil e estudantil e à sua prisão, que lhe valeu ficar impedida de concluir o curso, o que veio a suceder apenas depois do 25 de Abril. António Graça, igualmente médico, partilhou as circunstâncias da sua prisão enquanto activista do movimento associativo de estudantes e o brutal ambiente prisional, onde sofreu a tortura da estátua e do sono durante vários dias. Jorge Carvalho, antigo activista do Movimento da Juventude, foi o último preso a ser libertado no dia 26 de Abril de 1974, recordou o ambiente de tensão vivido nessa altura e relatou alguns episódios que envolveram as

varias prisões sofridas, sempre acompanhadas pela brutal violência da PIDE..

Estes testemunhos, que a todos impressionaram, vieram enriquecer o já importante acervo do Projecto, enriquecendo a unidade de informação e interpretação. A segunda fase inicia-se agora, culminando a 29 de Abril com a apresentação dos resultados.

Entretanto, prossegue a campanha de fundos, indispensáveis ao desenvolvimento do projecto. Os contributos devem ser depositados na conta com o seguinte NIB: 0007 0000 0032 5501 3492 3.



NO CEMITÉRIO DO ALTO DE SÃO JOÃO URAP HOMENAGEIA TARRAFALISTAS

«Em 18 de Fevereiro de 1978 – cumprem-se hoje precisamente 39 anos – numa grande homenagem nacional, foram trasladados para este mausoléu os restos mortais dos 32 heróis mártires assassinados no sinistro Campo da Morte Lenta», afirmou José Vargas na cerimónia anual da URAP no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa. Cerca de 100 pessoas estiveram presentes, no dia 18 de Fevereiro, junto ao Mausoléu Memorial dos Tarrafalistas, para homenagear os antifascistas assassinados, numa cerimónia que contou com a intervenção de José Vargas, da direcção da URAP, um momento cultural com música e poesia por Rui Galveias e Pedro Salvador do grupo Nó, tendo a apresentação ficado a cargo de Bento Luís, também dirigente da URAP (que agradeceu à Voz do Operário e à União dos Sindicatos de Lisboa pelo apoio logístico).

Para José Vargas, lembrar «uma das mais impressionantes manifestações alguma vez realizada em Portugal, mais de 200 mil pessoas acompanharam o cortejo, debaixo de intensa chuva, numa demonstração de reconhecimento e gratidão pelo seu contributo para a conquista da liberdade e da democracia», com um grupo de tarrafalistas à frente empunhando uma faixa onde se lia «Tarrafal Nunca Mais» é da maior importância «num tempo em que forças de extrema-direita, fascistas e neofascistas se levantam ameaçadoras em vários países e, entre nós, se silenciam e branqueiam ou banalizam os crimes do fascismo».

Depois de descrever a vida no campo de concentração, o orador citou Francisco Miguel, o último preso a sair do Campo de Concentração do Tarrafal, em 1954, que passou mais de cem dias na «frigideira»: «Lá dentro era um forno, o sol batia na porta de ferro e o calor ia-se tornando sempre mais difícil de suportar. Íamos tirando a roupa, mas o suor corria incessantemente. A ‘frigideira’ teria capacidade para dois ou três presos por cela. Chegámos a ser doze numa área de nove metros quadrados».

Rui Galveias e Pedro Salvador trouxeram uma imagem do Tarrafal através do poema *Praia e Morte*, integrado no livro *Contra Todas as Evidências*, de Manuel Gusmão, e interpretaram canções de José Afonso e Fernando Lopes-Graça.



PROSSEGUE A ACÇÃO EM PROL DO FORTE DE PENICHE DEFENDER A MEMÓRIA, RESISTIR E LUTAR

O respeito pela Fortaleza de Peniche como um todo, que junte o lugar especial de memória de resistência e luta antifascista e a componente histórica multicentenária, bem como a integração na cultura e património da cidade e região de Peniche, foi reafirmado, dia 26 de Janeiro, em Lisboa, numa reunião dos promotores da petição «Forte de Peniche – Defesa da Memória, Resistência e Luta». Na reunião, promovida pela URAP, que juntou cerca de oito dezenas de ex-presos políticos em Peniche, familiares e amigos de outros presos e democratas de diversos quadrantes, foi defendida igualmente a preservação do património edificado, constituído por três blocos, e o afastamento de qualquer projecto de exploração hoteleira, incompatível com a memória histórica do lugar.

Finalmente, os participantes consideraram que, de forma faseada, se instale no Forte de Peniche um verdadeiro Museu da Resistência e da Liberdade, dando prioridade à construção, já aprovada em executivo camarário, por razões de impacto e simbolismo, ao ar livre e na zona central e frontal aos pavilhões, de um Memorial com os nomes dos cerca de 2500 antifascistas que estiveram presos nesta cadeia.

Após um balanço da actividade desenvolvida – a entrega das assinaturas da petição; a resposta do Ministro da Cultura; a reunião com a Presidência e com a Comissão de Cultura da Assembleia da República; e outras diligências e contactos – os presentes afirmaram «continuar a bater-se para que se cumpram as justas expectativas criadas e a apoiar as iniciativas e acções agregadas em torno da ideia comum “Forte de Peniche – Defesa da Memória, Resistência e Luta”».



CONSTITUÍDO GRUPO CONSULTIVO

A URAP passa a integrar o Grupo Consultivo do Forte de Peniche, constituído a 27 de Janeiro pelo ministro da Cultura, Luís Filipe Castro Mendes. Este grupo tem um prazo de três meses para apresentar uma proposta sobre o futuro da fortaleza, que tem que respeitar a «história do monumento, desde a fundação (séc. XVI/XVII), compatibilizando as funções do espaço com a preservação da memória da sua história recente enquanto símbolo da luta pela democracia, garantindo a sua fruição pública e com a necessária viabilidade económica».

Este grupo, que já fez uma primeira reunião, é composto por dez elementos, quatro dos quais nomeados pelo ministro: Adelaide Pereira Alves (membro do PCP), Alfredo Caldeira (do Arquivo e Biblioteca da Fundação Mário Soares), Gaspar Barreira (ex-presos político e cientista) e José Pedro Soares (ex-presos político e dirigente da URAP). O presidente da Câmara de Peniche escolheu o historiador João Bonifácio Serra. O grupo consultivo inclui ainda cinco representantes do Ministério da Cultura, da Secretaria de Estado do Turismo e da Câmara Municipal de Peniche.

A Fortaleza de Peniche sai assim do programa Revive, no qual se encontram cerca de 30 outros monumentos históricos.

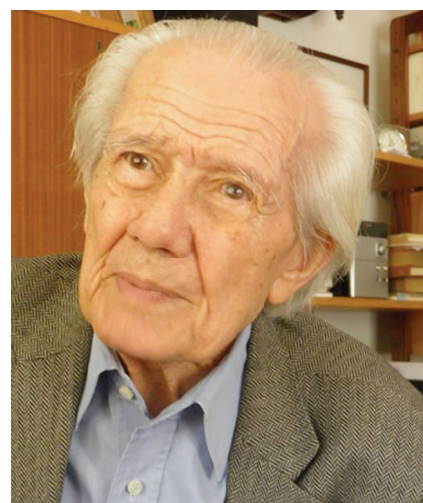
ANTIFASCISTAS FALECIDOS VIDAS QUE CONTAM

Nos últimos meses, vários antifascistas faleceram, tendo a URAP manifestado o seu pesar e evocado o seu percurso. Em seguida, publicamos dados biográficos destes antifascistas.

ANTÓNIO ESTEVES

Aos 100 anos, no dia 10 de Fevereiro, faleceu o médico psiquiatra António Esteves, que foi um destacado resistente antifascista e fundador da URAP. Entre 1950 a 1974 apoiou muitos presos políticos e resistentes, não se deixando intimidar pela PIDE e não permitindo nunca que os agentes estivessem presentes em qualquer acto médico para o qual foi destacado nas cadeias de Caxias ou Peniche, em instituições médicas privadas ou públicas.

Psiquiatra conceituado e cidadão exemplar, desde muito jovem combateu o fascismo e denunciou sempre os riscos, inclusivamente de morte, em que os presos políticos muitas vezes incorriam em virtude das torturas ou de falta de assistência médica. Após o 25 de Abril de 1974, a 2 de Maio, foi eleito por unanimidade, em Assembleia-geral de todos os trabalhadores do Hospital Júlio de Matos, para a Comissão de Gestão. Durante toda a sua longa vida foi um profissional competente e rigoroso e até ao fim manteve a mesma coerência política, nunca se afastando da intervenção cívica.



GEORGETTE FERREIRA

A 3 de Fevereiro faleceu Georgette Oliveira Ferreira, nascida em Alhandra numa família de trabalhadores rurais pobres. Ela própria, ainda criança, trabalhou na agricultura, primeiro, sendo depois operária têxtil. Nos anos 40, aderiu ao PCP, do qual foi dirigente durante vários anos. O seu relacionamento com Alves Redol, Carlos Pato e Soeiro Pereira Gomes muito contribuiu para a sua formação política.

Em 1944, foi uma das organizadoras das greves de 8 e 9 de Maio, em Alhandra e Vila Franca de Xira, passando à clandestinidade no ano seguinte. Em 1946, está entre os participantes no IV Congresso do PCP. Três anos depois, conheceu a prisão pela primeira vez, evadindo-se em Outubro de 1950, regressando de imediato à luta clandestina do PCP no Comité Local do Porto e, mais tarde, em Lisboa. Novamente presa em Dezembro de 1954, foi condenada em 1957 a três anos e medidas de segurança. Libertada em 1959, partiu clandestinamente para a Checoslováquia, onde se curou da doença pulmonar que há muito a afectava.

Aquando do 25 de Abril, encontrava-se a desempenhar tarefas no distrito de Setúbal. Após a Revolução, foi deputada do PCP na Assembleia da República. Foi membro do Comité Central do PCP entre 1953 e 1988 e foi um membro activo da URAP.



MÁRIO RUIVO

Mário Ruivo, político e cientista especialista na defesa dos oceanos e do ambiente em Portugal, morreu dia 25 de Janeiro, em Lisboa, aos 89 anos. Resistente antifascista desde a juventude, militou no MUD Juvenil e esteve ligado à Frente Patriótica de Libertação Nacional, integrando depois de 1974 a URAP.

Impedido pelo governo fascista de leccionar em Portugal, foi exilado político em Roma a partir de 1961, militando em organizações da oposição. Só regressou a Portugal em 1974. Empenhado no processo de democratização do País, foi ministro dos Negócios Estrangeiros do V Governo Provisório, secretário de Estado das Pescas e director-geral dos Recursos Aquáticos e Ambiente do Ministério da Agricultura e Pescas. Biólogo, foi presidente da Comissão Oceanográfica Intersectorial do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, presidente do Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável, presidente do Comité para a Comissão Oceanográfica Intergovernamental da UNESCO e presidente da Comissão Nacional para o Fundo das Nações Unidas para a Agricultura.



ANTÓNIO TERESO

António Tereso passa à história pelo papel central que desempenhou na fuga colectiva de oito dirigentes e militantes do PCP da prisão de Caxias, em Dezembro de 1961, uma das maiores e mais importantes realizadas durante a longa resistência ao fascismo. Para preparar essa evasão, António Tereso fingiu-se de traidor – ou «rachado» – para ganhar a confiança dos guardas e da direcção da prisão, o que conseguiu, e procurar uma hipótese de fuga. O carro blindado de Salazar, que António Tereso conduziu, foi, ironicamente, o veículo da fuga.

Oriundo de meios operários, começou a trabalhar com 12 anos, ingressando mais tarde na Carris. É aqui que ganha consciência, começa a participar nas lutas dos trabalhadores e adere ao Partido. Em Fevereiro de 1959, foi preso e condenado a dois anos e três meses de prisão. Depois da fuga, foi forçado a ingressar na clandestinidade, tendo depois do 25 de Abril desempenhado tarefas de apoio ao PCP. Morreu a 7 de Janeiro, aos 89 anos.



MÁRIO SOARES

Fundador do Partido Socialista, opositor à ditadura desde jovem, Presidente da República e primeiro-ministro e ministro após a Revolução, Mário Soares morreu dia 7 de Janeiro aos 92 anos. Pertenceu ao MUNAF (quando integrava o PCP), ao MUD e ao MUD Juvenil. Secretário da Comissão Central da Candidatura do General Norton de Matos à Presidência da República, integrou o Directório Democrático-Social e a candidatura de Humberto Delgado. Foi candidato a deputado pela Oposição Democrática, em 1965, e pela CEUD, em 1969. Em resultado da sua actividade política foi preso, deportado e exilado.

À data da Revolução encontrava-se em Paris, regressando de imediato a Portugal. Participou nos I, II e III governos provisórios. Figura controversa, teve um papel preponderante no processo conducente ao 25 de Novembro de 1975.

Foi eleito deputado por Lisboa em todas as legislaturas, até 1986, nomeado primeiro-ministro em 1976, 1978 e 1983. Foi membro do primeiro Conselho de Estado, mantendo-se nesse cargo até ao seu falecimento, a 7 de Janeiro. Depois de cumprir dois mandatos como Presidente da República, entre 1986 e 1996, foi eleito deputado ao Parlamento Europeu, falhando nova eleição presidencial em 2006. Teve um papel determinante na entrada de Portugal para a então CEE.





TODOS AO 25 DE ABRIL

A URAP apela a todos os seus sócios e amigos, a todos os democratas e antifascistas, para que participem nas comemorações populares do 25 de Abril. Mais do que lembrar a luta contra o fascismo e pela liberdade, homenagear os que lutaram e sofreram, importa transportar estes exemplos para o presente e o futuro, num tempo marcado pela incerteza.

Em LISBOA - A concentração para o desfile na Avenida da Liberdade está marcada para as 14h30 em frente ao Diário de Notícias

No PORTO - A URAP presta homenagem aos resistentes antifascistas, no Largo Soares dos Reis, às 14h00, junto ao edifício da ex-Pide (museu militar), seguindo-se desfile

«FORTE DE PENICHE, MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E LUTA» UM LIVRO PARA LER E OFERECER, PARA MOSTRAR E GUARDAR

A URAP prepara-se para editar o livro «Forte de Peniche, Memória, Resistência e Luta». A par das intervenções e imagens do convívio realizado no Forte de Peniche no dia 29 de Outubro, com esta publicação pretende-se contribuir para um melhor conhecimento do que foram os 40 anos em que ali funcionou a prisão de alta segurança do regime fascista, a luta dos presos e das famílias, os castigos e as severas condições do regime prisional a que a ditadura submeteu muitos dos seus opositores

O livro lembrará também aspectos concretos da história do Forte de Peniche desde o início da sua construção, no século XVII, o papel que desempenhou na defesa da costa marítima e até em acontecimentos ligados à própria independência e consolidação da nacionalidade. Inclui ainda «todos os nomes», ou seja, a lista dos nomes dos 2500 presos políticos que por ali

passaram e o relato das diversas fugas realizadas. São mostradas diversas fotos, algumas ainda dos primeiros anos do funcionamento da cadeia, e também poemas, alguns lá escritos, por quem viveu encarcerado nesses duros tempos da ditadura fascista.

A edição dará conta da luta que sem vem travando para que o Forte de Peniche permaneça património histórico e espaço de memória da resistência ao fascismo e da luta pela liberdade, lembrando o movimento iniciado com o lançamento da petição, a entrega das 9640 assinaturas, as reuniões na Assembleia da República e, já a 26 de Janeiro deste ano, a reunião na sala grande da Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, em Lisboa.

Um livro que todos irão querer ter para ler, oferecer e guardar para memória futura. Para tal, basta contactar a sede da URAP, nos contactos habituais.

Estava marcada para dia **25 de Março**, já depois do fecho da edição deste boletim, a **Assembleia-Geral ordinária da URAP**, nas instalações da **Biblioteca-Museu República e Resistência**. Da ordem de trabalhos constava a apreciação e votação do relatório de actividades e das contas de 2016, e do plano de actividades para este ano, e a eleição dos corpos gerentes para o biénio **2017/2018**.

Juntos por todos.

Juntos porque é na força de mais de 600 mil portugueses que nos protegemos, encontramos soluções e chegamos mais longe.

Juntos por um, juntos por todos.

Montepio Geral Associação Mutualista - IPSS - DGSS nº 3/81 - NIPC 500766681
Sede: Rua Áurea, 219 a 241, 1100-062 Lisboa - Apartado 22882 E.C. Socorro Lisboa, 1147-501 Lisboa



**Associação
Mutualista
Montepio**

Juntos por todos

WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses